

# ASPECTOS DA COMERCIALIZAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA DE CRUZEIRO DO SUL, AC.

Marcelo André Klein<sup>1</sup>, Amauri Siviero<sup>2</sup> e Márcio Muniz A. Bayma<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Embrapa Acre, Avenida 25 de agosto, 4031, Bairro Aeroporto Velho, Cruzeiro do Sul, AC,  
marcelo@cpafac.embrapa.br

<sup>2</sup> Embrapa Acre, BR 364, km 14, CP 321, 69908-970, Rio Branco, AC. asiviero@cpafac.embrapa.br

<sup>3</sup> Embrapa Acre, BR 364, km 14, CP 321, CEP 69908-970. Rio Branco, AC.  
marcio@cpafac.embrapa.br

## Introdução

A produção de farinha de mandioca exerce importante papel econômico, social e cultural na região do Vale do Juruá. O município de Cruzeiro do Sul é essencialmente agrícola com predominância de pequenas propriedades agrícolas familiares (97,5%) onde se cultiva a mandioca para fabricação da famosa Farinha de Mandioca de Cruzeiro do Sul (FMCS). Estima-se que em Cruzeiro do Sul existam cerca de 900 casas de farinha em operação (IBGE, 2006).

A maior parte da FMCS é produzida artesanalmente em fornos a lenha, com uso intensivo de mão-de-obra, sendo fabricada em rústicas casas de farinha usando equipamentos inadequados e em precárias condições de higiene. O principal custo para obtenção da FMCS, incluindo as operações agrícolas, é a mão-de-obra usada no processamento da mandioca (52%). O transporte (balsas e rodovias) e a comercialização da FMCS são oligopolizados sendo realizado por poucos agentes, geralmente atacadistas e proprietários de meios de transporte, que apropriam de boa parte da renda (SANTOS, 2008).

A FMCS tem boa aceitação no mercado local, nos estados do Amazonas e Rondônia e em Rio Branco. Dados da Secretaria da Fazenda do Acre apontam que em 2009 e 2010 foram comercializadas 262.308 e 213.159 sacas de farinha de 50 kg sendo que 70 % do volume foi destinado a Manaus, AM (SEFAZ, 2011).

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre aspectos da comercialização da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul. Este estudo permite um melhor entendimento da cadeia produtiva da FMCS, discute oportunidades de agregação de valor pela melhoria da qualidade da FMCS entre agricultores via certificação e ajuda políticas públicas para o setor.

## Material e Métodos

Este estudo foi realizado no município de Cruzeiro do Sul, Acre no período de maio a agosto de 2011. A pesquisa fez parte do trabalho de caracterização da cadeia produtiva da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul. Os dados socioeconômicos da produção e comércio da FMCS foram obtidos junto a órgãos oficiais, entrevistas com observação participante junto a diferentes atores envolvidos no setor. Foram aplicados questionários junto aos agricultores, técnicos da extensão rural, comerciantes, atravessadores e gestores públicos com o objetivo de caracterizar e quantificar os diferentes canais de comercialização da FMCS e os fatores envolvidos.

O estudo da caracterização dos canais de comercialização da FMCS e suas peculiaridades auxiliam políticas públicas a grupos de agricultores visando agregar valor a FMCS elevando a renda. A classificação da farinha em categorias de tipos locais é informal e não guarda relação com a classificação empregada pelo Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA).

### Resultados e discussão

A comercialização da FMCS é realizada em sua quase totalidade por intermediários locais que facilitam o transporte da produção reduzindo o tempo que seria gasto pelos agricultores para tal ou adquirindo a farinha nas propriedades e na sede do município. A revenda é realizada junto a comerciantes menores no mercado local ou para outros mercados, sendo escoada para Rio Branco, Porto Velho (RO) e Manaus (AM). As principais características dos canais de comercialização da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul estão demonstradas na Tabela 1.

Tabela 1 - Principais características dos canais de comercialização da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul, AC.

| Canais de comercialização da FMCS    | Meio de transporte           | Tipo                            | Preço pago ao produtor                   | Volume da produção | Tendências e desafios de cada mercado segundo o tipo da farinha        |
|--------------------------------------|------------------------------|---------------------------------|------------------------------------------|--------------------|------------------------------------------------------------------------|
| LOCAL<br>Cruzeiro do Sul             | Rodoviário/<br>fluvial local | 1 <sup>a</sup>                  | Ágio de até 50%<br>em média              | 08 %               | Indicação de procedência, denominação de origem e indicação geográfica |
| REGIONAL<br>Rio Branco e Porto Velho | Rodoviário e fluvial         | 1 <sup>a</sup> e 2 <sup>a</sup> | Médio – aferido pela SEFAZ               | 22 %               | Certificação participativa e mercado justo, OPAC e OCS                 |
| REGIONAL II<br>Manaus                | Fluvial                      | 3 <sup>a</sup>                  | Deságio de 30% em relação ao preço médio | 70 %               | Mercado orgânico, mercado institucional<br>Certificação                |

OPAC = Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade, OCS = Organização de Controle Social.

O primeiro mercado/canal de comercialização compreende basicamente a farinha de primeira comercializada no município de Cruzeiro do Sul. A farinha é comercializada principalmente em três mercados. No Mercado do Agricultor que tem atuação no atacado e varejo, no Mercado Beira Rio e no mercado Samambaia (também chamado de Mercado do Agricultor) que contam respectivamente com 32 e 25 espaços para a comercialização.

O segundo canal de comercialização compreende os mercados de Rio Branco e Porto Velho. No período das chuvas no Acre, quando não há transporte rodoviário entre Cruzeiro e Rio Branco, a FMCS é transportada pela seguinte via fluvial: Cruzeiro do Sul - Manaus - Porto Velho – Rio Branco. O escoamento rodoviário da FMCS se dá na época operacional da Rodovia BR 364. A falta de produtos para comporem o frete de volta dos caminhões faz com que a farinha seja transportada a baixo custo para as cidades de Rio Branco e Porto Velho. Os agricultores organizados em cooperativas, intermediários e produtores mais estruturados e que possuem caminhões realizam o comércio da FMCS com estas capitais obtendo preços de venda até 70% superiores aos praticados no mercado local.

O terceiro canal, que é o mais volumoso, é a cidade de Manaus, responsável pela comercialização de 70 % do volume, com transporte mais econômico, pois usa a via fluvial para escoamento, operando na época das chuvas quando o rio Juruá apresenta condições de navegação de embarcações maiores. Este mercado é controlado por um pequeno número de atacadistas que adquirem a farinha dos produtores, estocam-na em armazéns locais para o posterior transporte pelas balsas. As farinhas comercializadas são classificadas tradicionalmente como de terceira categoria. Os preços da saca da FMCS recebidos pelos agricultores nesta via de comercialização são os menores, visto não haver muitas exigências em relação à qualidade da farinha.

Uma característica marcante da FMCS no mercado local e também nos outros canais de comercialização é o fato de não haver rotulagem da FMCS, ou mesmo uma marca que diferencie os diversos tipos de farinha. Esta é uma das exigências básicas de protocolos de certificação de produtos agropecuários. A prática de experimentar o produto antes da compra é realizada por mais de 70% dos consumidores.

A redução do peso da saca de farinha de 50 para 30 kg seria uma boa estratégia a ser adotada pelos agricultores e cooperativas trazendo benefícios como; elevação do preço, redução de problemas de ergonomia, início do processo de rotulagem e criação da marca e melhor controle da comercialização e da qualidade.

Observou-se que há uma relação entre o paladar do consumidor que pauta a qualidade da farinha. No mercado Samambaia bastante conhecido e também muito visitado por turistas do estado há uma rígida vigilância na escolha dos fornecedores da farinha. Somente os agricultores que possuem ‘capricho especial’ no processo artesanal de produção da FMCS que fabricam a farinha classificada localmente como de primeira conseguem comercializar a produção neste mercado conseguindo preço mais elevado (produto étnico). Nos mercados Beira Rio e Mercado do Agricultor o público alvo para comercialização possui poder aquisitivo menor não sendo tão criteriosa a escolha pelos atacadistas locais.

A farinha classificada localmente como de primeira necessita de criação da marca e certificação de origem visando a indicação geográfica. Este processo depende da organização dos

agricultores em cooperativas e auxílio do governo e ONGs para agregação de valor via processos de certificação. A farinha classificada neste trabalho como de segunda necessita de selos de certificação participativa visando galgar o mercado justo. A adoção das boas práticas de produção de mandioca no campo e de fabricação de farinha acelera o processo de conversão e atendimento das conformidades dos protocolos de Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade e Organização de Controle Social.

A farinha de terceira categoria pode atingir o mercado de produto orgânico ou agroecológico e devido a certa constância pelo volume pode ser comercializada junto ao mercado institucional através de programas de aquisição de alimentos governo federal para merenda escolar exigindo também a certificação do produto como orgânico.

#### Conclusões

O preço da saca de FMCS pago ao agricultor em Cruzeiro do Sul está associado a sazonalidade da oferta, custo do transporte e à qualidade do produto. Os três fatores quando associados ao destino da venda e preferência do consumidor provocam uma diferenciação dos preços da saca da FMCS pagos ao produtor em distintos canais de comercialização.

A qualidade artesanal da FMCS é fortemente determinada pelo modo de fabricação da farinha que influencia diretamente aceitação do consumidor, é percebida pelos atacadistas, que renumera melhor o agricultor pagando ágio. Os principais canais de comercialização da farinha de mandioca de Cruzeiro do Sul são o local, regional e o regional II todos tendo relação direta com a qualidade da farinha e com o preço recebido ao agricultor. A pavimentação da BR-364 deve facilitar o acesso da FMCS para Rio Branco e Porto Velho elevando os preços da saca de FMCS aos agricultores pelo aumento na concorrência nos serviços de transporte.

#### Referências

- IBGE. **Censo Agropecuário**. IBGE, 2006. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 20/09/2011.
- SANTOS, J. C. **Sustentabilidade socioeconômica e ambiental dos sistemas de uso da terra da agricultura familiar do Acre**. 259f., 2008. Tese (Doutorado em Economia Agrícola). Universidade Federal de Viçosa.
- SEFAZ (Secretaria da Fazenda do Estado do Acre). Divisão de Estudos Econômicos Fiscais. Estado do Acre. 2011. Rio Branco. Relatório Consolidado.